

7. MANUEL MARIA CARRILHO (1951) — A RETÓRICA NEOPRAGMÁTICA

7.1. INTRODUÇÃO

Recuperando os estudos europeus sobre a retórica e vinculando o racionalismo a uma expressa opção pelo pragmatismo, a obra de Manuel Maria Carrilho abriu nos últimos 20 anos do século xx uma nova vertente no horizonte do pensamento português. Pela leitura dos livros de Manuel Maria Carrilho, é difícil separar pragmatismo de perspectivismo, cruzando-se ambos com a nova teoria retórica da argumentação. Pensador nitidamente influenciado pelo neo-pragmatismo americano²⁰⁶, combina com mestria os princípios anti-essencialistas desta corrente filosófica com o contributo da revivescência europeia pela retórica a partir dos estudos de Charles Perelman e Michel Meyer²⁰⁷, aplicando ambas com nítido brilho — o que singulariza positivamente a sua posição na cena política portuguesa de finais do século — em textos circunstanciais como, por exemplo, *Hipóteses de Cultura* (1999) e *Estado da Nação* (2001). A estes dois contributos para a sua filosofia (o neo-pragmatismo e a retórica), acresce a consciencialização por parte de Manuel Maria Carrilho do pensamento problemático sobre o fim da modernidade trazido por J. Habermas nos anos 80, principalmente a partir da difusão europeia de *Teoria da Acção Comunicacional* e de *O Discurso Filosófico da Modernidade*. No capítulo «O Perspectivismo» que escreveu para o *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, por si próprio dirigido, Manuel Maria Carrilho une pragmatismo e perspectivismo numa frase que, de certo modo, pode ser estatuída como síntese do seu pensamento — deve hoje «retomar[-se] pragmaticamente o perspectivismo»²⁰⁸; e, mais à frente, através

²⁰⁵ *Idem*, *Materialismo e Subjectividade. Estudos em torno de Marx*, Lisboa, Avante, 1997, «Secção IV — Questionamentos», pp. 256 e segs.

²⁰⁶ Sobre o pragmatismo, cf. Manuel Maria Carrilho, «A invenção do pragmatismo», prefácio a William James, *O Pragmatismo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

²⁰⁷ Neste sentido, Manuel Maria Carrilho foi o introdutor das ideias de Richard Rorty em Portugal através da publicação dos seus livros na colecção «Opus — Biblioteca de Filosofia», de que era director, da editora D. Quixote. Do mesmo modo, Manuel Maria Carrilho promoveu a publicação do ensaio *O Império Retórico — Retórica e Argumentação*, de Ch. Perelman, primeiro livro publicado na colecção da editora ASA «Argumentos — Biblioteca do Pensamento Contemporâneo», de que era igualmente director, bem como do ensaio *O Filósofo e as Paixões*, de Michel Meyer, na mesma colecção. Sobre a posição de Manuel Maria Carrilho relativamente à retórica e à teoria da argumentação, cf. Manuel Maria Carrilho, «A retórica hoje — Um novo paradigma?», in AA. VV., *Retórica e Comunicação* (coord. Manuel Maria Carrilho), Porto, ASA, 1994.

²⁰⁸ Cf. Manuel Maria Carrilho, «O perspectivismo», in AA. VV., *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (dir. Manuel Maria Carrilho), Lisboa, D. Quixote, 1991, p. 255.

do conceito de «problema», tema desde sempre central nas suas reflexões, vincula a abertura hermenêutica da filosofia anti-essencialista e anti-fundamentacionista (isto é, anti-metafísica clássica) dos anos 80, enquanto ruptura com a concepção clássica de «cientificidade» lógica da filosofia de Kant e Husserl, a um horizonte de «jogos de racionalidade» — exactamente o título da tradução portuguesa do seu livro *Rhetoriques de la Modernité*, de 1992²⁰⁹ — que identifica a filosofia, tal como Manuel Maria Carrilho a vê, a:

Um complexo dispositivo-retórico [um «problema»] indissociável do uso da linguagem natural e circunscrito tanto pelo lastro da tradição [a «genealogia» do «problema»] como pela dinâmica da comunidade, isto é, pela historicidade e pelo contexto.²¹⁰

Porém, a opção do autor pelo perspectivismo pragmático ou neo-pragmático no campo do conhecimento e da acção não constitui ponto de partida do seu pensamento, mas, bem pelo contrário, ponto de chegada. Deste modo, a sua obra até ao ano 2000 pode dividir-se em duas fases: uma primeira, perdurável entre os anos de 1977 a 1986; e uma segunda fase, que se prolonga a partir de 1987, incluindo textos que explicitam o «pragmatismo» das suas opções como Ministro da Cultura do governo do Partido Socialista entre 1995 e 2000.

7.2. PRIMEIRA FASE — 1977-1986 — A EPISTEMOLOGIA

Ao longo desta década, o pensamento de Manuel Maria Carrilho estrutura-se em torno de dois pólos — a epistemologia e a comunicação conceptual ou a capacidade de transmissibilidade da filosofia — e uma estratégia de escrita: a modernização europeia de Portugal no campo da filosofia. Longe ainda do pragmatismo e da retórica, que verdadeiramente se enunciaram apenas em 1987, no ideário criador da revista *Critica*, que fundou e dirigiu desde esse ano até 1993, e em dois livros de 1989, *Itinerário de Racionalidade e Elogio da Modernidade*, o primeiro polo, a epistemologia, define as suas investigações iniciais no Grupo de Investigação de Filosofia e Epistemologia, nos quatro números da revista *Filosofia e Epistemologia* (1978)²¹¹ e no volume *História e Prática das Ciências*, por si coordenado em 1979/212.

²⁰⁹ Cf. Manuel Maria Carrilho, *Rhetoriques de la Modernité*, Paris, Presses Universitaires de France, 1992, tradução portuguesa com o título *Jogos de Racionalidade*, Porto, ASA, 1994.

²¹⁰ Cf. *idem*, «O perspectivismo», art. cit. p. 255.

²¹¹ Cf. participação de Manuel Maria Carrilho em todos os números da *Revista de Filosofia e Epistemologia*, Lisboa, Ed. do Grupo de Investigação de Filosofia e Epistemologia e editora

Regra do jogo, primeiro número em 1978, último em 1984.

²¹² Um dos textos «pedagógicos» centrais da vertente epistemológica de Manuel Maria Carrilho é publicado já em 1991, mas, como se adverte no «Prefácio», «este volume foi esboçado em meados de 1981 e concluído-se quase dez anos mais tarde» (p. VIII), integrando-se tematicamente na primeira fase da evolução filosófica deste autor, ainda que cronologicamente